

Maria Adélia Aparecida de Souza
Professora Titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo
instituto@territorial.org.br

Ciências Humanas e Sociais: ciências moles? A propósito do trabalho científico nesta contemporaneidade¹

Resumo

Este ensaio busca atender uma velha e interminável discussão sobre uma questão que longe de ser científica é, sobretudo, política, qual seja a classificação das ciências. A Geografia tem oscilado nessas classificações: ora é uma ciência humana, social, ora é uma ciência da natureza. Este estímulo é o motivo principal da realização deste ensaio que, inspirado em uma interessante reflexão de Abraham Moles, prêmio Nobel de Matemática, quando sugere que reflitamos com seriedade científica e acadêmica sobre esse debate. Esse autor propõe corajosamente que as ciências humanas sejam elas sim consideradas “ciências duras”. Aqui é defendida a tese de que, dadas as características e dinâmicas do mundo do presente, as classificações carecem de um processo de discussão condizente com a essência do mundo de hoje, que reverte por vezes o conhecimento pré-estabelecido. Sugere-se, por exemplo, nesta perspectiva, que o espaço geográfico, por ser uma instância social, tal como a economia, a política e a cultura, seja considerado uma categoria social de análise e não um palco de realização da vida, como tem sido considerado pela geografia descritiva, completamente ultrapassada pela velocidade do mundo e pelos sistemas técnicos disponíveis.

Palavras-chave: classificação das ciências, ciências humanas, espaço geográfico, geografia humana.

Resumé

SCIENCES HUMAINES ET SOCIALES: SCIENCES "MOLLES"? A PROPOS DU TRAVAIL SCIENTIFIQUE DANS LA CONTEMPORAINETÉ

Ce texte cherche à participer d'une interminable discussion sur la question du classement des sciences. Cette discussion, loin d'être scientifique ou académique est une discussion politique. Une source d'inspiration de cette réflexion a été l'oeuvre de Abraham Moles, Prix Nobel de Mathématique. Etant la Géographie une science que parfois est classée comme science de la nature, parfois comme science humaine et sociale. Cette discussion a inspirée aussi cet article. Il attire l'attention sur la nécessité, pour cette de prendre en consideration les caractéristiques du monde contemporain que par sa nature bouleverse, d'un jour à l'autre, n'importe quelle classification scientifique. Ainsi, par exemple, est proposé ici que l'espace géographique soit pris comme une catégorie d'analyse sociale et non plus comme un scène où la vie et les activités humaines se déroulent, comme toujours il a été considéré par la géographie il y a un siècle.

Mots-clés: classement des sciences, sciences humaines, espace géographique, géographie humaine.

1. Introduzindo polêmicas

Há alguns anos tenho ficado intrigada com a nova classificação das ciências, tema que sei polêmico e sobre o qual não há muito acordo. As Ciências Humanas ou Sociais – sobre o que também há polêmicas, que não explicitarei neste ensaio – são consideradas ciências “moles”, enquanto as exatas são consideradas ciências “duras”. Do mesmo modo, existem as ciências “puras ou teóricas” em que, entre as ciências experimentais e reais, situam-se as ciências ditas Culturais e Humanas, e as ciências “aplicadas ou práticas” nas quais se situam as engenharias e a medicina.

O que me inquieta, porém, é a relação que existe entre esse debate e as reais necessidades de pesquisa que requer a contemporaneidade em que vivemos.

Há um mundo a ser enfrentado nessa perspectiva! Mas este ensaio não pretende mais que motivar uma discussão sobre a necessidade de “atualização” das ciências, vale dizer, de suas metodologias diante das características do mundo do presente. E isso é válido para todas as ciências, independentemente de sua classificação, seja ela dura ou mole, teórica

ou experimental ou mesmo prática. Aliás, que sentido fazem esses fundamentos num mundo cuja rapidez coloca em evidência uma ideia – a de totalidade complexa e dinâmica – que refuta qualquer possibilidade de classificação que não resista à ideia de movimento. O movimento é, sem dúvida, uma característica destes tempos presentes que precisa e deve ser considerada em todo trabalho científico. Mas é um movimento caracterizado por um processo de aceleração, produto da essência da dinâmica do mundo “globalizado” acionado pelos sistemas técnicos que possibilitam, pela primeira vez na história humana, o exercício da ubiquidade, vale dizer, uma sobreposição espaço-tempo. Explico-me: posso, a partir de meu computador portátil, desde que ele possua tecnologia que o vincule à internet e que permita a navegação, observar, por exemplo, o Planeta Terra sendo fotografado e observado, em tempo real, enquanto eu também lá estou em uma dada localização geográfica hoje possível de ser observada em escala “um pra um”. Minha casa, meu escritório, minha escola podem hoje ser monitorados por programas avançados de geoprocessamento. Fato inequívoco e inédito de “ver-se estando nele”. Vejo o planeta girando e estou “lá nele”, vendo-me a partir de meu computador portátil. E isso instantaneamente... Eis a aceleração contemporânea! O futuro – tempo que está por vir – chega hoje imediatamente. Isso tem enormes implicações nas metodologias e nos estudos das Ciências Sociais, até então extremamente adotando a história, entendida como passado realizado, e não incorporando a história do presente como dado fundamental para o trabalho científico e adotando o futuro, e não mais o passado, como âncora.

Essa nova dinâmica do mundo trouxe e traz para a ciência como um todo um novo desafio, pois a permanência do passado, inclusive nas mentes, é rápida. O presente logo passa e o futuro chega rapidamente. Quero dizer: ligo a TV e vejo, em tempo real, um evento que acontece do outro lado do mundo!!! Essa é a novidade da realidade que as ciências ainda não incorporaram em suas metodologias, especialmente muitas das disciplinas que compõem as ciências humanas e sociais.

Essa sugestão ao debate, como se vê, vai além das discussões sobre ciência dura, ciência mole, ciência pura, ciência aplicada. Trata-se de com-

preender – explicar fica cada vez mais difícil – um mundo em movimento acelerado, aprendendo a discernir o novo da novidade!

Lembro-me aqui de um interessantíssimo livro de Abraham Moles², prêmio Nobel de Matemática, que faz uma das mais brilhantes críticas à consideração das ciências humanas como “ciências moles”. Transcrevo um pequeno texto que considero essencial para as reflexões a que me proponho:

- Vemos aqui emergir várias categorias de fenômenos que escapam, de uma maneira ou de outra, à vontade da ciência;
- Há falsas ciências, as paraciências etc.; qualquer que seja sua importância social, elas aparecem como doenças do espírito e portanto deveriam ser tratadas como tais;
- Há ciências que tratam dessas coisas vagas como as religiões, as crenças, o irracional etc., das quais o próprio assunto é que é vago e só pode ser precisado lentamente ou com o apoio de ciências vizinhas (um pouco) mais rigorosas como a sociologia ou a psicologia;
- Há o domínio das ciências que, no estado atual das coisas, são imprecisas e o serão por muito tempo, por exemplo, o estudo do subconsciente ou do inconsciente, os valores estéticos, mas também em outros domínios: a meteorologia, a demografia, os estados de desordem, os processos de emergência das formas, etc. É o que reagrupamos sob o nome de ciências do impreciso, e das quais procuramos o estatuto com tanto rigor quanto parece possível;
- Há domínios dentro do que se chamam as ciências exatas – ou semi-exatas –, em todo caso aquelas que dão provas de uma vontade de exatidão nem sempre justificada em seus altos graus de predizibilidade, onde as correlações entre as grandezas em jogo são tão tênues que foram desconsideradas por todos os pesquisadores, até mesmo por aqueles que de início admitiram computá-las. Mas, justamente, elas constituem todo um setor de um certo conhecimento bruto “a ser utilizado”, um local de desbravamento de ideias. Com efeito, elas não se destacam bem do domínio precedente, e pertencem, da mesma maneira, às “ciências do Impreciso”³ (MOLES, 1995, p. 62-63).

Mais importante, no entanto, do que as intermináveis discussões sobre classificação das ciências, tipologias de análise, e outras mais, é discutir sobre o método. Como compreender a realidade do mundo nesta contemporaneidade que, por suas características e dinâmica, exhibe a totalidade inclusive como empiria.

Então, o que há por discutir?

Como geógrafa, defendo a importância das ciências humanas e sociais para a compreensão do presente e advogo sua primazia sobre as ciências “duras”, inspirada por Abraham Moles.

Quando bem constituídas, com paradigmas bem formulados e “aggiornados”, as ciências humanas e sociais contribuem para uma “limpeza” metodológica discernindo o que é metáfora e ideologia, da realidade, visões que impregnaram o desenvolvimento da ciência, hoje, desfocando o sujeito central do trabalho científico, que é a humanidade, para outros focos: o mercado ou o planeta. Fica evidente nestas singelas provocações a visão centralmente humanista da autora deste texto. Esse, aliás, é um princípio desta discussão ou de qualquer outra que diga respeito ao papel e à função da ciência no processo de manutenção da vida. Fora disso, todo trabalho científico é criminoso. Está lançada a polêmica!

2. O espaço geográfico como condição e categoria de análise desta contemporaneidade

Esta contemporaneidade se caracteriza por um funcionamento do mundo ideologicamente denominado de globalizado no qual, em decorrência do desenvolvimento da técnica, há a possibilidade de relacionamento entre o mundo e o lugar em tempo real. O exemplo mais banal é aquele de se assistir pela televisão, do sofá da sala, a um evento que se realiza do outro lado do mundo: o carnaval, a copa do mundo de futebol, vistos pelos europeus, asiáticos e até pelos esquimós! Esse é um fato novo na história humana e que precisa ser examinado com cuidado, valendo-se não apenas do deslumbramento do funcionamento da técnica – feito pelas ciências duras e que tem causado “frisson” nas agências financiadoras de

pesquisa, priorizando os projetos dessas mesmas ciências “duras” –, mas das implicações que esse processo traz para o futuro da humanidade e seu bem-estar⁴. Sabe-se que o desenvolvimento tecnológico é seletivo e segregador, pois exige cada vez mais investimentos monstruosos para o desenvolvimento de projetos cada vez mais sofisticados. Isso deve provocar uma centralização dos investimentos em projetos caros e de ponta em detrimento dos projetos das ciências sociais cujo maior investimento se dá com o trabalho de campo, lamentavelmente cada dia mais escasso, seja por falta de recursos, seja pelo medo de enfrentar a realidade concreta cada vez mais violenta.

É no âmago dessa discussão que temos insistido na adoção do espaço geográfico ou território usado como categoria de análise social. Não há possibilidade neste ensaio de exhibir os argumentos fundadores dessa postulação. Não se trata do território como um enunciado político-administrativo, como é comumente formulado, mas o território usado, praticado, como totalidade. Essa totalidade é expressa pelo sujeito – o indivíduo ou a sociedade.

No mesmo sentido, a leitura do período histórico, ou da totalidade em movimento, não pertence a nenhuma disciplina em particular na medida em que corresponde a concepções da experiência humana e, na modernidade, a interpretações da história do capitalismo. São estas interpretações que expressam a visão de mundo do pesquisador, mesmo no estudo mais modesto e simples (RIBEIRO, 2006, p. 131).

Quando introduzida a discussão sobre a acessibilidade social aos benefícios do denominado progresso técnico, estamos nos referindo a esse fundamento do método ditado pela noção de totalidade. O território usado ou o espaço geográfico escancaram, através da paisagem, as desigualdades resultantes dessa acessibilidade. Isso é o que denominamos de segregação socioespacial.

3. A segregação socioespacial na formação territorial brasileira: a técnica como vetor

Para exemplificar, existem dois processos de uso que caracterizam a formação territorial brasileira hoje: um deles, o uso do território pela

agregação da técnica, ou seja, a criação do meio técnico, científico e informacional que supera, nesta contemporaneidade, o “meio natural”, ainda utilizado, equivocadamente, por cientistas sociais que aderiram à metáfora da sustentabilidade⁵. É um processo que vai denotar a tecnificação do território em um vetor que toma o Rio Grande do Sul, sobe até São Paulo e dirige-se para o Centro-Oeste do Brasil. Denomino esse eixo de “modernização do território brasileiro”.

A que corresponde esse território da modernização brasileira? Ao agronegócio: áreas planas, de capital intensivo na agricultura, predominância de latifúndios, altamente mecanizadas, com intensidade no uso de instrumentos e equipamentos técnicos. Basta selecionar qualquer indicador que neste eixo ele se apresenta mais elevado do que em qualquer outra região brasileira: número de celulares por habitante, produtividade agrícola por hectare, número de TVs ou geladeiras por habitante, número de computadores por habitante... Enfim, trata-se de um eixo de modernização que do sul do país se dirige ao norte, passando pelo centro e não pelo litoral, como se delineava na história do Brasil⁶...

Já o outro processo é aquele que vem do norte e desvia-se pelo nordeste brasileiro, uma mancha que escorrega cada vez mais em direção ao sul, onde a tecnificação do território é escassa, mas a segregação socioespacial expressa por índices altos de pobreza e indigência aumenta visivelmente a cada década. Há cartografias que exibem esse processo⁷.

Impossível não estabelecer uma relação entre esses dois processos de uma mesma formação socioespacial! Ela revela a especificidade, no território brasileiro, de um movimento mundial do processo de segregação. A assimilação das técnicas pelos processos produtivos abre mão do trabalho humano em razão da aceleração dada pela tecnologia. Temos, portanto, um novo padrão civilizatório que precisa ser discutido. Não é mais o padrão econômico que carece de ser avaliado, mas o novo padrão civilizatório. Essa é a discussão central do mundo de hoje, onde o número de pobres tende a aumentar, dirigindo-se especialmente para as cidades – única possibilidade de sobrevivência – que, caracterizadas pela escassez generalizada, tornam-se campo fértil para a construção desse novo padrão civilizatório que não é apenas recheado pela violência. Desconhecemos

esses novos processos, pois os paradigmas das ciências humanas e sociais estão hoje atraídos pela sedução das metáforas – a questão ambiental é a principal delas – e do dinheiro fácil para projetos nessa perspectiva. Esquecem muitos que a existência do planeta tem como condição a existência humana, sem o que nada existiria, pois nossa racionalidade, que nos diferencia dos demais seres vivos, nos permite, em suma, conceber – não criar – tudo o que existe. Se não existíssemos nada existiria, a não ser que outro ser dotado da mesma natureza que os humanos fosse capaz de perceber tudo e criar o mundo. Mas esta é uma discussão filosófica que foge aos objetivos deste texto.

Aqui lançamos outra discussão: os graves problemas desta contemporaneidade, mergulhados na nova racionalidade do mundo que é política e não mais econômica, precisam ser submetidos à discussão sobre o novo modo civilizatório: não se trata, portanto, de discutir a violência, a segurança pública, a política cambial, a crise americana provocada pela crise imobiliária, mas mergulhar na compreensão da nova sociedade, cujos fundamentos estão no Período Popular da História, no qual já estamos mergulhados, conforme sugestão feita pelo geógrafo Milton Santos (2000) e por Souza (2006).

4. Sofismas científicos desta contemporaneidade

Como o objetivo de um ensaio/um artigo é provocar a discussão ou apresentar resultados parciais ou finais de descobertas científicas, este não foge à regra. Denomino aqui de sofismas científicos os equívocos do método utilizado na formulação de pesquisas hoje consideradas de ponta e financiadas maciçamente pelas agências de fomento nacionais ou internacionais. Não sem razão, é claro...

Entendo também que a formulação de um projeto de investigação científica pressupõe uma clareza sobre a visão de mundo que possui o pesquisador, isto é, qual a concepção de mundo do pesquisador (RIBEIRO, 2006). Esse é sem dúvida um ponto de partida para o método que, desde

logo, evita os deslizos do procedimento metodológico, exigindo rigor no método e na produção do texto científico⁸.

“(…) Os métodos se modificam pois são aplicados a objetos novos. Se esse movimento da filosofia deixa de existir, uma das duas coisas acontece: ou ela está morta ou está ‘em crise’”⁹ (SARTRE, 1960, p. 13). Esse parece ser o fundamento da resistência das ciências no enfrentamento da necessidade de busca de novos paradigmas, epistemologias renovadas, como bem lembra Ribeiro (2006) resgatando Sartre: “o que nos interessava, entretanto, eram os homens reais com seus trabalhos e suas dores; exigíamos uma filosofia que desse conta de tudo sem nos aperceber de que ela já existia e que era ela, justamente, que provocava em nós esta exigência” (1967, p. 21).

A falta de clareza sobre essa concepção do mundo – distingo aqui mundo de planeta, pois aquele é objeto de compreensão das ciências humanas e sociais e, este, objeto de estudo da geologia e das ciências geofísicas – constitui-se no principal fundamento de desenvolvimento de sofismas. O maior deles é exatamente a confusão que se estabelece entre mundo e planeta. É possível salvar o mundo, basta ter coragem de mudar a história. Difícil salvar o planeta, suas regras não são completamente passíveis de mudança pela ação humana. Dessa confusão, sofismas são formulados com estatuto de pensamento científico, cuja demonstração se dá como ideologia ou como discurso, mas, jamais, como verdade (?) científica.

O segundo sofisma é a adoção apressada da chamada globalização como categoria de análise desta contemporaneidade. Adotando a totalidade como fazendo parte da essência da dinâmica do mundo do presente, difícil imaginar a globalização como fazendo também parte ou, como pretendem alguns – especialmente os economistas –, sendo a imagem do mundo de hoje. É importante deixar afirmado que a globalização é um atributo do mercado, especialmente do mercado do dinheiro, que se move com o uso do que há de mais avançado nas tecnologias da informação. A dinâmica das bolsas de valores e de todo o sistema financeiro constitui-se no principal argumento desse sofisma.

Um terceiro sofisma que fundamenta a pesquisa hoje é aquele pautado na ideologia travestida de progressista. Ele se resume na montagem

do discurso da inclusão social. Dependendo intrinsecamente da dinâmica do mercado, que, por sua vez, depende essencialmente da dinâmica da demanda, fundamentada na escassez, como pode haver inclusão sem a geração permanente da escassez? Denomino esses discursos de cinismo sofismático do pseudodiscurso científico. Tristemente esse discurso da inclusão social domina o pensamento dito de esquerda no Brasil.

Um quarto sofisma, que hoje virou paradigma para a compreensão desta contemporaneidade, é aquele do aquecimento global, que coloca o planeta como sujeito da história com um desfoque sobre aquilo que é essencial – a dinâmica de funcionamento do mundo em meio à perversidade produzida pela globalização. Como em um passe de mágica, com prêmios mundiais e tudo o mais, o discurso ambientalista assume um papel político e ideológico jamais conseguido por outros processos dramáticos que têm afligido a humanidade, como a guerra, a fome, as epidemias... O aquecimento do planeta tornou-se um paradigma da ciência. Invadiu a universidade e assumiu mentes incautas... O planeta supera o mundo, desfocando, sabe-se lá por quanto tempo, a possibilidade de compreensão da história humana que, esta sim, pode definir e mudar a história do planeta... E se em lugar de colocarmos o planeta como foco das lentes científicas colocássemos as empresas, o mercado? Os seres humanos em vez dos vegetais ou dos animais? Que tal priorizarmos a vida humana, sem a qual todas as outras perdem seu sentido?

Poderíamos aqui alinhar vários sofismas contemporâneos apresentados como silogismos, como verdades que tristemente traçam caminhos equivocados para o avanço da vida no planeta.

5. O discurso ou o texto como fundamento do método?

Finalmente, é importante destacar a confusão que se estabelece nesta contemporaneidade mutante, entre o texto e o discurso.

O texto rigoroso é o principal produto da ciência. De acordo com o rigor do método ele apresenta, em sua estrutura, a evidência da concepção de mundo de quem o produz e nos aproxima da realidade a ser conhecida.

Não é difícil distinguir um texto produto de um método analítico-descritivo, do método indutivo, da hermenêutica ou da dialética. Concepções de mundo e visões sobre a natureza e a dinâmica da realidade. Mas qual o bom texto? Aquele que, respaldado em um método consistente, aproxima-nos da compreensão da realidade, condição *sine qua non* para nela existir.

Mas, como afirmamos logo no início deste texto: que método utilizar para dar conta de uma concepção de mundo apresentado como uma totalidade dinâmica e com a possibilidade empírica de sobreposição global/local, mundo/lugar?

As proposituras classificatórias, a definição de tipologias e padrões, dão conta do principal atributo da realidade, qual seja, a aceleração contemporânea propiciada pelo desenvolvimento das técnicas e da tecnologia? Não haveria necessidade de “aggiornamento” dos métodos nas diferentes ciências, uma explicitação de visão de mundo pelos tecnólogos e a abertura de uma ampla discussão acadêmica sobre o papel da técnica nesta contemporaneidade?

Afinal, que prioridade dar hoje ao trabalho da ciência para a sobrevivência humana? Priorizar o desenvolvimento técnico? Aprofundar o conhecimento sobre a água e respaldar o falso discurso da escassez? Aprofundar o conhecimento sobre as perversidades e desigualdades às quais está submetida a maioria dos seres humanos? Aqui reside um fundamento importante para a opção central desta reflexão, qual seja, a volta à política e ao território como fundamentos do método de investigação, discussão prioritária e que traz as ciências humanas e sociais para o centro da discussão científica, contrariando sua posição atual. E não se trata de uma discussão de volume de investimentos, mas de qualidade da produção científica, de eliminação dos reducionismos metodológicos, das redundâncias, das obviedades...

Mas ao que se assiste é à construção de discursos que, por sua vez, baseiam-se em ideologias e visões particulares do mundo, predominando o interesse do mercado sobre aquele da humanidade. E, tristemente, assistimos ao “cientista militante” mergulhado nessa confusão. Sua prática militante, sempre em busca de resultados imediatos, distancia-o do pensamento profundo, transformador, revolucionário. Cada vez mais, nas

ciências humanas, produz-se o texto científico favorecendo o discurso militante. É por isso que o discurso ambiental tomou conta das mentes: por desconhecimento da história do planeta e, evidentemente, uma ignorância profunda da história humana e de suas implicações no presente.

Como se vê, este texto é uma provocação ao debate de ideias. Um chamado à formulação do pensamento crítico, um alerta para o aprimoramento do foco da discussão contemporânea no campo da ciência.

É somente assim que poderemos colocar, de fato, a ciência a serviço da humanidade e abolir os travestismos e as visões desfocadas que atrasam a compreensão da história humana. Isso nos permite indagar então: o que é o discurso da escassez da água feito no Brasil? O que significa segurança alimentar em um mundo cada vez mais famélico e com abundância alimentar? Como encarar a formulação do aquecimento global diante da autêntica história da geosfera?

Quem afinal pode auxiliar, e muito, nas respostas a essas indagações que são cruciais para o prosseguimento da vida – da vida humana – no planeta, sem o que, nada existe?

São, enfim, reflexões a propósito do sentido e dos objetivos que vêm sendo seguidos nas formulações científicas, nos financiamentos à pesquisa e... no abandono da humanidade como propósito maior do conhecimento.

Notas

¹ Esta reflexão foi elaborada por estímulo e solicitação da Professora Norma Soares, membro da Academia de Ciências Sociais do Ceará.

² MOLES, Abraham. *As Ciências do Impreciso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

³ O grifo é nosso.

⁴ Ver, por exemplo, nos *Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo*, publicados pela FAPESP em 2004 e disponíveis em seu site www.fapesp.br, o volume de recursos destinados às ciências da saúde e à engenharia. Fica claro que esta ponderação está permeada pela reflexão da acessibilidade da sociedade aos benefícios desses progressos técnicos.

⁵ Ver a esse respeito SOUZA, Maria Adélia. *Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável: as Metáforas do Capitalismo*. www.territorial.org.br (Biblioteca Virtual).

⁶ Consultar mapoteca digital em www.territorial.org.br na qual algumas cartografias sobre o uso do território brasileiro estão disponibilizadas.

⁷ Idem.

⁸ Não há possibilidade, neste texto, de discutir outro sofisma contido nos projetos de investigação científica e, tristemente, nos roteiros de muitas agências de fomento, isto é, o desconhecimento do que seja método, metodologia e organização do trabalho científico. Esta organização é usualmente solicitada como sendo a metodologia do projeto de investigação.

⁹ Tradução livre da autora do texto.

Referências

MOLES, Abraham A. **As Ciências do Impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Fronteiras da Ciência: Interdisciplinaridade e Política. In: SILVA, M. A. da; TOLEDO JÚNIOR, R. (Orgs.). **Encontro com o pensamento de Milton Santos. A Interdisciplinaridade na sua obra**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia/Mestrado em Geografia, 2006. p. 129-147.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de Método**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

SARTRE, Jean-Paul. **Questions de Méthode**. Paris: Éditions Gallimard, 1960.

SOUZA, Maria Adélia. Território e Lugar na Metrópole: fundamentando o Período Popular da História. In: SILVA, M. A. da; TOLEDO JÚNIOR, R. (Orgs.). **Encontro com o pensamento de Milton Santos. A Interdisciplinaridade na sua obra**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia/ Mestrado em Geografia, 2006. p. 83-95.

SOUZA, Maria Adélia. **Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável: as Metáforas do Capitalismo**. www.territorial.org.br (Biblioteca Virtual).

Sites visitados:

www.fapesp.br

www.territorial.org.br

Recebido em: 30/01/2011

Aceito em: 11/06/2011